

Lance da final da Copa das Confederações de 2017 na Rússia entre Alemanha e Chile: brasileiro fez nesta cobertura seu reconhecimento de terreno

Fotos: Buda Mendes/Getty Images



UM CRAQUE DO FOCO NA Copa da Mundo

O carioca Buda Mendes é o único brasileiro a integrar a seleção de profissionais da Getty Images na cobertura da Copa na Rússia e se preparou para fazer imagens até com o pé. Saiba como

POR SÉRGIO BRANCO

Quando Buda Mendes entrou no Estádio do Maracanã pela primeira vez para fotografar um jogo de futebol, os experientes profissionais que estavam à beira do gramado riram dele: o que aquele sujeito pretendia com uma câmera amadora lerda e uma zoomzinha básica? Mas o paciente Jair Motta, então fotógrafo do *Jornal dos Sports*, resolveu

“adotar” o aprendiz e deu as primeiras dicas de como fazer boas imagens do esporte favorito dos brasileiros. De lá para cá se passaram 12 anos. Hoje, Buda, um simpático carioca grandalhão, de voz grave e sorriso fácil, se prepara para cobrir a Copa do Mundo na Rússia como o único brasileiro escalado na seleção de craques mundiais da Getty Images, a maior agência do mundo.

Registrado e batizado como Walimir Mendes, Buda ganhou o apelido de um amigo na adolescência. Ele praticava artes marciais e se sentava ao estilo de Sidarta Gautama, o Buda, mestre religioso criador do budismo. Walimir acabou incorporando a alcinha, pois soava bem para um jovem DJ, atividade paralela que exerceu por 17 anos. Para profissão, escolheu o curso de Design, foi contratado por



Acima, lance da fatídica semifinal entre Brasil e Alemanha na Copa de 2014; abaixo, Buda Mendes, carioca de 40 anos, escalado para cobrir a seleção de Tite

uma agência de publicidade e, graças a um trabalho de comunicação visual e de conteúdo de Internet feito para a Federação de Futebol do Rio de Janeiro, a fotografia e o futebol entraram na vida dele.

Filho de fotógrafo amador, o lado profissional da fotografia começou a chamar a atenção de Buda na própria agência em que trabalhava. Participava de produções de campanhas publicitárias como assistente e ia aprendendo na prática os primeiros macetes do uso da luz. O futebol acabou sendo uma necessidade: para o conteúdo do site era preciso ter imagens de jogos da Segunda Divisão do Estadual do Rio. Escolhido para a tarefa, Buda encarou o desafio com a DSLR amadora e a zoom limitada. Era 2006, e ele foi aprendendo também na prática, errando muito e acertando pouco, mas o suficiente.

Passou cinco anos como fotógrafo da Federação de Futebol do Rio, sempre evoluindo, a ponto de começar co-



Luciano Belford

mo *stringer* (colaborador) da Getty Images e depois passar a ser um contratado, único brasileiro no *staff* de fotojornalismo esportivo da gigantesca agência. "O seu Jair, do *Jornal dos Sports*, foi meu primeiro professor.

Outra grande referência que tenho é Wanderlei Almeida, fotógrafo que começou na antiga UPI e era da Franço Presse aqui no Rio. Ele infelizmente morreu em agosto do ano passado aos 60 anos", informa Buda.



Fotos: Buda Mendes/Getty Images

Oribe Peralta, do México, comemora um gol contra a Nova Zelândia na Copa das Confederações de 2017 na Rússia

CONVOCAÇÃO

A caminho de sua segunda Copa do Mundo, Buda, 40 anos, começou a entender a grande logística que cerca uma cobertura da Getty ao ser escalado para o time de fotógrafos da Copa das Confederações de 2013, disputada no Brasil e vencida pela seleção brasileira. No ano seguinte, ele estaria de novo no grupo que cobriria a Copa em território nacional e com uma missão importantíssima: seguir todos os passos da seleção brasileira de Luiz Felipe Scolari, então a grande favorita ao título. E assim foi até a fatídica semifinal e a impiedosa goleada de 7 a 1 imposta pela Alemanha.

No dia da final entre Alemanha e Argentina nem ao Maracanã Buda foi. Com a seleção brasileira fora, sua missão era fotografar a festa de encerramento, com a queima de fogos, de longe, do alto de um típico morro carioca. E, no dia seguinte à final, ele ouviu de seus chefes na Getty que a Copa no Brasil fazia parte do passado. Já estavam começando o plane-

jamento da cobertura da próxima Copa, na Rússia. “É impressionante como eles planejam os eventos com antecedência. Terminou a Copa aqui e na semana seguinte já tinha gente da equipe da Getty na Rússia para fazer um levantamento da logística”, conta o fotógrafo.

Para o brasileiro, terminada sua primeira Copa, o grande objetivo passou a ser também estar na Rússia em 2018. Um sinal positivo foi dado quando ele foi chamado para integrar a equipe que cobriria a Copa das Confederações, disputada em 2017 e vencida pela Alemanha. Buda passou 22 dias na Rússia e fez 26 voos internos. Fotografou jogos em Moscou, São Petesburgo e Sochi. Aprendeu algumas frases em russo, adaptou-se à comida local e conviveu com colegas estrangeiros em terra estranha. Trabalhar naquele evento foi uma espécie de “eliminatórias” para o brasileiro, que aguardou durante meses sua convocação para a Copa de 2018.

“Nessa hora, eu me sinto como

um jogador. Bate uma ansiedade. A nossa convocação chega num e-mail da Getty com o nome dos fotógrafos escalados para ir à Rússia. Quando recebi o e-mail e meu nome estava lá, alegria total”, conta Buda. E, mais uma vez, ele será o profissional que acompanhará todos os passos da seleção brasileira, agora de Tite.

Uma responsabilidade e tanto, pois, segundo ele, o time do Brasil é o que atrai a maior cobertura da mídia internacional durante uma Copa do Mundo. No planejamento de Buda, seu trabalho começaria no dia 21 de maio com a apresentação da seleção em Teresópolis (RJ), onde permaneceria até o dia 27. Enquanto a seleção viajaria para Londres, na Inglaterra, e Viena, na Áustria, para jogar dois amistosos antes da Copa, o brasileiro iria para Sochi, cidade escolhida pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) como a casa da seleção na Rússia. “Os amistosos ficam com o pessoal da Getty de Londres, nosso QG na Europa. Minha



Acima, alemães comemoram o título na Rússia em 2017 e, ao lado, lance de Rússia e Nova Zelândia: brasileiro passou 22 dias no país durante a Copa das Confederações

previsão é chegar dia 9 de junho em Sochi, que será minha base, dois dias antes da seleção”, explica Buda.

TIME EM CAMPO

A Getty Images terá 53 fotógrafos e mais sete técnicos, num total de 60 pessoas na Copa da Rússia. Diferentemente da Copa no Brasil, quando a agência trouxe um time de editores para o Rio de Janeiro (RJ), a edição das imagens será feita via Londres por 14 profissionais. Como há uma previsão de que uma foto seja colocada no ar a cada 120 segundos durante os jogos, o serviço russo de Internet será de altíssima velocidade. “Testamos isso na Copa das Confederações e funcionou muito bem. Para que não tenhamos que nos preocupar com isso, há um técnico da Getty que faz a checagem dos cabos de transmissão conectados às câmeras antes, durante e depois das partidas. Como houve um planejamento prévio, tudo já foi testado exaustiva-





Fotos: Buda Mendes/Getty Images

Seleção brasileira posa em Porto Alegre (RS) durante as Eliminatórias; abaixo, Tite e Gabriel Jesus em treino



mente. Mas tem um cara de plantão para resolver qualquer problema”, comenta Buda Mendes.

O grupo de profissionais é dividido em três times: fotógrafos Fifa (10), fotógrafos que acompanham seleções específicas (7) e fotógrafos do editorial (36). Como a Getty Images tem uma parceria com a Federação Internacional de Futebol (Fifa), o primeiro grupo é destacado para produzir conteúdo exclusivo, tendo o privilégio de fotografar os vestiários arrumados para cada seleção, a chegada das seleções, a entrada em campo pelo túnel, enfim, os bastidores de todas as 32 seleções, e, nos jogos, são os que ficam próximos aos bancos de reserva, captando reações dos técnicos e jogadores. São eles ainda os responsáveis por produzir os retratos em fundo branco de cada jogador das 32 seleções. Eles serão divulgados pela Fifa, o que é feito na fase de treinos, antes de a Copa começar.

O segundo grupo, do qual Buda faz parte, tem a missão de cobrir seleções específicas, o tempo todo em

atividades como treinos, entrevistas coletivas e jogos. Além do Brasil, as seleções que terão fotógrafos inteiramente dedicados a elas são Alemanha, Argentina, Inglaterra, México, Japão e Austrália. “Essa escolha é em função da demanda de imagens que essas seleções exigem de clientes da agência”, explica Buda.

O terceiro time é o que faz a cobertura de todos os jogos da Copa, unindo-se aos fotógrafos Fifa e aos específicos de seleções. “Na primeira fase são sempre sete fotógrafos da Getty em campo. Quatro que ficam perto do escanteiro, próximos da linha da grande área, em cada canto do gramado, dois que cobrem os bancos de reservas de cada time e um nas tribunas. Depois, dependendo da importância dos jogos, podem ser acrescentados mais profissionais”, explica o brasileiro.

E, como a Getty é a agência oficial da Fifa, todos os seus fotógrafos têm prioridade no posicionamento tanto em campo como de câmeras remotas atrás do gol ou no teto de es-

Buda em ação pela Getty Images na Copa de 2014 no Brasil: ele está bem ao centro, de bermuda cinza, ajoelhado

tádios, presas a cabos. Um fotógrafo chefe é que determina que hora chegar ao estádio (geralmente 5 horas antes), quem cobre que jogo, qual é a posição de cada um em campo, entre outros detalhes de cobertura.

FOTO COM O PÉ

O primeiro jogo do Brasil na Copa da Rússia foi programado para 17 de junho, em Rostov, contra a Suíça. Buda Mendes e os seis colegas da Getty que estiverem em campo para trabalhar terão quatro câmeras cada. Três com eles, com as lentes 400 mm f/2.8, 70-200 mm f/2.8 e 24-70 mm f/2.8. A outra câmera ficará postada atrás do gol com uma zoom grande angular 16-35 mm (ou 14-24 mm) e será disparada com o pé. Isso mesmo: por meio de uma pedaleira, como se o fotógrafo fosse um baterista.

“Acho o sistema de pedaleira mais eficiente que o disparo por rádio, o Pocket Wizard. Na transmissão do comando por rádio é preciso acertar a faixa de frequência de canal para não gerar interferência, passar por uma inspeção antes do jogo para que um gerente de fotografia autorize o uso do aparelho e, durante o jogo, ele pode disparar muito e encher o *buffer* da câmera. Aí, se durante o processamento desse monte de arquivos sair o gol, você perde a foto”, diz ele.

Por outro lado, o brasileiro admite que se acionar a pedaleira enquanto o olho está no visor, mirando outro lance, não é uma tarefa simples. Buda lembra que a primeira vez que usou o sistema foi na Copa América de 2011, na Argentina. “Não é fácil pegar o jeito. Você tem de ter uma noção das dimensões do gramado, da posição dos jogadores e do ângulo de cobertura da câmera remota. O que você está vendo com a tele nada tem a ver com o que a câmera está enquadrando com a grande angular. É preciso muita prática para pegar o



Douglas Magno

jeito da coisa”, resume.

Para ele, as fotos feitas com a câmera atrás do gol são uma questão de sorte também. “É muito na base de erro e acerto, o tempo todo. O pulo do gato é acertar a profundidade de campo em relação à distância focal. Eu geralmente uso abertura f/5.6, ou seja, não quero que o fundo fique

desfocado demais nem que apareçam claramente as placas de publicidade no fundo”, explica. Quando usa a tele de 400 mm diante dos olhos, é o contrário: ajusta sempre f/2.8 para ter o maior desfoque possível. Como trunfo para fazer algo diferente, tem sempre uma 50 mm f/1.4 à disposição também. “Fotógrafo de agência

Fotógrafos em campo



Posição dos sete fotógrafos da Getty e das câmeras remotas em campo na Copa

Neymar em um amistoso com o Panamá, em 2014: foto feita com zoom em 70 mm



Buda Mendes/Getty Images

Abaixo, Buda e o pai, seu Almir, que morreu no final de 2017, e conferindo a câmera remota (à esq.) na Copa do Brasil em 2014



Arquivo pessoal



Douglas Magno

tem que estar concentrado cem por cento, o tempo todo. Como fico com o olho colado na tele de 400 mm, vejo o jogo de outra forma. E, se o lance ocorre na grande área, tenho que pensar também na câmera remota em grande angular e disparar as duas, na mão e no pé”, informa.

MUITO TREINO

Mas não basta colocar a câmera dentro da área delimitada pela Fifa atrás do gol e fazer o foco. É preciso checar o enquadramento na posição 14, 15 ou 16 mm, acertar a configuração da câmera minuciosamente e ter cuidado para ela “não dormir”, ou seja, entrar em repouso automaticamente. “Jogo que começa às quatro ou cinco da tarde é um inferno. A luz pode variar muito. De um sol pleno às quatro para um entardecer repentino. É preciso ainda checar a previsão do tempo, pois pode haver possibilidade de chuva. Enfim, há muitas variantes e no in-

tervalo do primeiro para o segundo tempo é preciso ir lá dar uma olhada e reconfigurar a câmera, se for necessário”, ensina o fotógrafo.

Para controlar bem duas câmeras ao mesmo tempo, a que está diante do olho e a remota, é preciso treinar sempre. Buda tem se preparado, desde o segundo semestre de 2017, em jogos do Campeonato Brasileiro e da Copa Libertadores para chegar à Rússia “com a mão e o pé calejados”, conforme define. Fez isso até em casa, quando esticou os cabos ligados às câmeras para fazer testes de configuração, treinar as “pedaladas” e os enquadramentos. “Você tem que fazer e enviar a foto mais precisa possível, pois o editor em Londres fará uma ou outra correção básica, dará o crédito na foto e mandará pro ar”, conta.

Para que os editores não se percam em meio a tantas imagens chegando juntas de dezenas de fotógrafos diferentes, cada câmera tem uma codificação com o nome e nú-

mero do profissional. Essa configuração é feita pelo técnico, e os editores podem identificar o autor rapidamente. “Se uma das minhas câmeras falhar e eu precisar de outra, o técnico precisa avisar os editores e fazer outra codificação para o equipamento. É tudo muito bem controlado, pois é um trabalho de equipe. Uma falha prejudica toda a cadeia de produção e edição de fotos”, diz.

Prevista para ser encerrada com final disputada no dia 15 de julho de 2018, a Copa da Rússia terá 64 jogos ao todo, e durante quase um mês somente os fotógrafos da Getty Images terão produzido cerca de 1,5 milhão de imagens, que serão distribuídas mundo afora. Milhares delas serão de Buda Mendes. “Espero que desta vez eu esteja fotografando a final. Fazer foto de queima de fogos de encerramento em Moscou não está nos meus planos”, brinca o carioca. Milhões de brasileiros também esperam. 